

## DIMENSÕES DO CURRÍCULO SOCIAL: UMA ABORDAGEM SÓCIO-CONSTRUTIVISTA

Marcos Brandão de Oliveira\*

**Resumo:** *As reflexões propostas dentro do campo temático educacional contido neste artigo contemplam a contribuição a ser dada pelas universidades brasileiras no que tange à elaboração de um currículo social, abrindo variadas concepções acerca da implementação de estratégias metodológicas no processo de ensino e aprendizagem contemporâneo. O estudo, de natureza teórica, pretende promover uma investigação diante da percepção de que são insuficientes os olhares e interpretações do currículo e suas relações com as novas tecnologias numa abordagem sócio-construtivista. O artigo apresenta inicialmente a concepção sócio-cultural da escola à luz das bases epistemológicas da educação, abordando o tempo e o espaço das instituições de ensino como fatores que influenciam na construção do conhecimento. Em seguida, o estudo busca situar a concepção contemporânea do currículo social diante da implementação das novas tecnologias intelectuais, acompanhando os movimentos sociais. A utilização desta nova metodologia de ensino em plataformas informatizadas, promovendo a construção do conhecimento em ambientes de rede, marca uma nova etapa pedagógica, sobretudo pela implementação de uma formatação alternativa do ensino. O artigo conclui propondo uma nova interpretação do currículo, relacionando-o ao advento das novas Tecnologias da Informação e da Comunicação no processo de construção coletiva do conhecimento, re-significando o papel da Universidade brasileira, legitimando-a na práxis social, transcendendo os limites físicos da territorialidade e ampliando as discussões e trocas de experiências de vida dos sujeitos em suas comunidades.*

**Palavras-chave:** Educação; Universidade; Currículo.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda questões inerentes à temática educacional e propõe reflexões acerca do papel das universidades brasileiras no que tange à elaboração de um currículo social, abrindo variadas concepções acerca da implementação de estratégias metodológicas no processo de ensino e aprendizagem contemporâneo. Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do Mestrado em Educação e Contemporaneidade oferecido pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e aborda, inicialmente, o espaço sócio-cultural da escola e suas imbricações nas bases epistemológicas da educação, levando em consideração a ótica sócio-cultural da estrutura curricular relacionada aos sujeitos sociais que habitam as instituições de ensino superior no Brasil. Após esta contextualização, nota-se que este artigo não busca analisar historicamente a evolução do currículo, mas objetiva promover uma re-significação da estrutura curricular diante da afirmativa de que são insuficientes as abordagens curriculares e suas relações com as novas tecnologias numa concepção sócio-construtivista.

Apresentando características metodológicas de revisão de literatura, o estudo discorre sobre a concepção sócio-cultural da escola à luz das bases epistemológicas da educação, redimensionando o significado, o currículo através de uma nova abordagem considerando o tempo e o espaço das instituições de ensino como fatores que influenciam na construção do conhecimento. Numa outra abordagem, o artigo promove uma discussão acerca da

---

\* Graduado em Administração de Empresas (UCSAL); Especialista em Finanças Corporativas (UNIFACS); Especialista em Metodologia e Didática do Ensino Superior (UCSAL). Mestrando em Educação e Contemporaneidade (UNEB). Docente da UCSAL e FTC. [multimarcos@ig.com.br](mailto:multimarcos@ig.com.br).

implementação das novas tecnologias intelectuais no contexto educacional, ressaltando a importância da manutenção das bases estruturais dos projetos pedagógicos de ensino no sentido de promover a inclusão social; ou seja, o acesso à educação de forma legítima e disponível a todos os sujeitos, evitando excluírem-se do processo.

Atualmente muitas instituições de ensino superior promovem estratégias metodológicas em plataformas informatizadas, utilizando os recursos digitais para a construção do conhecimento; estas poderão eventualmente limitar o processo a meras reproduções de conteúdos. Neste sentido, o artigo enfatiza o cuidado na utilização desses ambientes digitais diante da possibilidade de tornarem vulneráveis os objetivos pedagógicos relacionados à construção e desenvolvimento cognitivo dos alunos. Neste contexto, o artigo busca propor uma nova interpretação sócio-construtivista do currículo, relacionando-o ao advento das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) no processo de construção coletiva do conhecimento, re-significando o papel da Universidade brasileira, legitimando-a na prática social, transcendendo os limites físicos da territorialidade e ampliando as discussões e trocas de experiências de vida dos sujeitos em suas comunidades.

## **UMA NOVA DIMENSÃO CURRICULAR E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO CONHECIMENTO**

Notadamente o cotidiano da escola retrata uma imensa diversidade cultural onde os sujeitos sociais - alunos, professores, diretores, colaboradores, etc - trazem consigo um legado de vida que vai situar a instituição de ensino como um ambiente de interação cultural. Dessa forma, a experiência dos sujeitos poderá interferir diretamente na construção do conhecimento na instituição. Esta perspectiva cultural da escola é feita por Forquim em *Escola e Cultura*:

A cultura das escolas é o conjunto de suas características de vida própria, seus ritmos e ritos, sua linguagem, seu imaginário, seu regime peculiar de produção e gestão de símbolos. Como expressão da cultura, também é dinâmica, se efetivando de fato quando os sujeitos se apropriam desse imaginário e o reelaboram no seu cotidiano. É isto que faz de cada escola, e nesta, de cada turno, uma experiência peculiar. (FORQUIN, 1993, p.88).

A construção do conhecimento deve contemplar o tempo e o espaço em que está inserida a escola, valorizando as variadas relações sociais e culturais dos indivíduos. O aluno, como sujeito ativo do processo, passa a interagir com o professor de forma a contextualizar os conteúdos à sua realidade sócio-cultural. Percebe-se que o processo de ensino-aprendizagem não se limita à sala de aula como o único ambiente para este desenvolvimento cognitivo. Nesta perspectiva, a contribuição da universidade, como ambiente de interação e contextualização sócio-cultural, torna-se decisiva para o processo de formação da cidadania. Em meio à suposta diversidade cultural, estas instituições de nível superior deverão salvaguardar seu patrimônio cultural, promovendo articulações didático-pedagógicas que permitam a inclusão dos valores sociais dos sujeitos ao processo de ensino-aprendizagem. A dimensão cultural a ser proposta pelas universidades se efetiva à medida que os conteúdos contidos nas matrizes curriculares dos seus diversos cursos possam alcançar a vida dos alunos e que estes tenham a possibilidade de solucionar problemas relacionados às suas práticas. Neste sentido, o espaço da sala de aula não deverá ser utilizado apenas para a transferência de conteúdos os quais encontram-se muitas vezes fragmentados. O aproveitamento destes ambientes torna-se mais efetivo à medida que se perceba uma relação de interatividade entre os alunos-sujeitos, articulando os conteúdos às suas realidades sociais, proporcionando a construção coletiva do conhecimento, incluindo e

valorizando as suas práticas, ainda que tal processo seja permeado de relações de conflito de gênero, raça ou classe, dentre outras características das representações sociais. Brandão reforça essa idéia quando afirma que:

A sala de aula funciona não como o corpo simples de alunos-e-professor, regidos por princípios igualmente simples que regem a chatice necessária das atividades pedagógicas. A sala de aula organiza sua vida a partir de uma complexa trama de relações de aliança e conflitos, de imposição de normas e estratégias individuais ou coletivas de transgressão, de acordos. A própria atividade escolar, como o dar aula, fazer prova, era apenas um breve corte, no entanto, poderoso e impositivo, que interagia, determinava relações e era determinado por relações sociais, ao mesmo tempo internas e externas aos limites da norma pedagógica. (BRANDÃO, 1986, p.121).

Diante desta perspectiva social da sistemática de ensino, o currículo toma uma nova dinâmica na qual não apenas se traduz como elemento fruto de uma sistemática epistemológica do ensino, organizado por uma malha de disciplinas que articulam conteúdos relacionados a uma ciência específica, atendendo a objetivos propostos nos projetos pedagógicos. Numa dimensão mais ampla, a estrutura curricular deverá estar engajada nos aspectos sociais relacionados à prática dos sujeitos em suas comunidades. O currículo merece ser re-significado no contexto educacional, acompanhando as relações sociais, muitas vezes transcendendo o tempo e o espaço tradicional da escola. Esta abordagem se assemelha ao que Goodson<sup>1</sup> afirma ser o currículo social. A concepção curricular, correlacionando-se aos movimentos sociais nos quais os alunos-sujeito são percebidos como elementos dinâmicos e participativos no processo de ensino-aprendizagem, aproxima-se do que Silva expõe:

O processo de fabricação do currículo não é um processo lógico, mas um processo social, no qual convivem lado a lado com fatores lógicos, epistemológicos, intelectuais, determinantes sociais menos nobres e menos formais, tais como interesses, rituais, conflitos simbólicos e culturais, necessidades de legitimação e de controle, propósitos de dominação dirigidos por fatores ligados à classe, à raça, ao gênero. (SILVA, 1994, P.74).

O contexto sócio-cultural surge como eixo norteador desta nova perspectiva de elaboração do currículo, contemplando as especificidades contidas em cada realidade social dos sujeitos, ampliando os aspectos da lógica formal cientificamente aceita. A universidade poderá propor um novo desenho para o currículo, permitindo aos alunos avançarem no processo de construção do conhecimento, relacionando os conteúdos das disciplinas às suas problemáticas sociais. Neste contexto, percebe-se um avanço qualitativo no sentido de legitimar o papel da universidade na dinâmica social de maneira a promover a inclusão e valorização dos sujeitos neste percurso de ensino-aprendizagem frente à grande diversidade sócio-cultural brasileira, além de poder, a universidade, contribuir para a formação cidadã dos seus alunos nas suas comunidades.

## O CURRÍCULO SOCIAL DIANTE DAS NOVAS TECNOLOGIAS INTELLECTUAIS

O advento das novas Tecnologias de Comunicação e Informação (TIC's), particularmente no que tange às plataformas digitais informatizadas inseridas no campo educacional, promove

---

<sup>1</sup> GOODSON, I. F. *Currículo: teoria e história*. Petrópolis: Vozes, 2002.

uma interligação entre educadores e alunos, o que poderá proporcionar uma alternativa de construção coletiva do conhecimento. Este ambiente de rede, uma vez utilizado como ferramenta metodológica, substituindo muitas vezes o modelo de educação presencial, caracteriza-se como um potencial inovador para o processo de ensino-aprendizagem. Cabe-nos refletir acerca dos desmembramentos ocasionados por esta ferramenta pedagógica e sua inserção no currículo, sobretudo nas universidades brasileiras.

A inclusão das TIC's em ambientes educacionais sugere uma revisão da metodologia de ensino empregada na escola tradicional no sentido da aplicabilidade dos projetos pedagógicos em sua integridade. Em outras palavras, o que se pretende ressaltar é o compromisso pedagógico com as bases educacionais no contexto social as quais não devem ser desprezadas em nenhum momento em função da implementação dos mecanismos digitais.

Partindo-se da ótica social da estrutura curricular, ressalta-se a construção do conhecimento através do desenvolvimento cognitivo crítico e inovador dos alunos e não da mera reprodução de conteúdos. As características deste processo são traduzidas numa dimensão que relaciona a teoria à prática dos sujeitos, tornando-se importante uma reflexão quanto à eficiência no atendimento a esses requisitos mediante a inserção das novas tecnologias intelectuais. Inicialmente percebe-se a vantagem do sistema para a criação de uma mentalidade coletiva organizada em redes de computadores. Neste sentido, o processo de comunicação entre os sujeitos ganha um novo ritmo no sentido de dar agilidade ao processo de comunicação, podendo abrir novas oportunidades de explorar o potencial individual e conjunto dos sujeitos para a construção coletiva do conhecimento através da interligação em redes digitais<sup>2</sup>. Entretanto, se considerarmos a grande diversidade sócio-econômico-cultural dos sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem, no cenário brasileiro, percebe-se que o modelo educacional, sendo utilizado através de recursos metodológicos em plataformas informatizadas, poderá levar grande parte da sociedade a excluir-se do processo. Ou seja, ao menos à distância, esse movimento somente poderá promover alguma vantagem para os sujeitos que possam ter o pleno acesso ao sistema através de terminais de computadores. Por outro lado, é importante a verificação da garantia que a interligação constatada nesses ambientes possam estabelecer a interação, entre os alunos e professores, necessária para a construção coletiva do conhecimento, proporcionando a troca de experiências vivenciadas através de suas práticas sociais junto às suas comunidades, transcendendo, muitas vezes, aos limites da própria territorialidade dos sujeitos. Desta forma a plataforma digital poderá agregar valor qualitativo ao processo de ensino-aprendizagem proposto pela universidade, garantindo as bases sociais do currículo nos seus aspectos teóricos e práticos dos seus cursos, devidamente contextualizados à realidade social dos alunos-sujeitos.

O que se pretende nessas reflexões é estabelecer critérios de viabilidade na implementação da estrutura curricular, numa abordagem social, para não correremos o risco de pecar naquilo que é mais doloroso para a cultura de um povo que é a exclusão social. Cabe-nos refletir sobre alguns movimentos ditos de inclusão social, implementando uma nova cultura educacional em instituições de ensino, via estruturação de projetos pedagógicos dentro de bases informatizadas, as quais eventualmente poderão desconsiderar os aspectos sócio-econômico-culturais que permeiam a dimensão social do currículo nas universidades brasileiras.

## **ABORDAGEM CONSTRUTIVISTA DA ESTRUTURA CURRICULAR**

Diante das reflexões acerca da interpretação da estrutura curricular, dentro de uma ótica sócio-construtivista, não se pretende, com este artigo, estudar a evolução histórica do ideário construtivista, tampouco investigar a criação do construtivismo. Entretanto, para aprofundarmos

---

<sup>2</sup> LEVY, P. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1998.

as reflexões sobre a interação necessária entre os alunos e professores no âmbito da contextualização dos conteúdos curriculares na dinâmica social, reportemos à dimensão dialética interacionista-construtivista do psicólogo russo Lev Vygotsky<sup>3</sup> verificada na sua teoria psicológica-metodológica – a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) - que explica como o resultado do processo ensino-aprendizagem pode ser mais eficiente na medida em que o espaço de construção do conhecimento é utilizado coletivamente numa comunidade dita de práxis. Ou seja, os conteúdos devem ser mediados pelo professor através das zonas de desenvolvimento proximal dos seus alunos, utilizando os seus conhecimentos prévios como base da construção e contextualização dos conteúdos nas práxis sociais dos alunos-sujeito junto às suas comunidades. Nesta perspectiva sócio-construtivista, a contribuição proposta com a inserção das novas tecnologias de comunicação e informação no processo de ensino-aprendizagem poderá alavancar resultados coletivos dentro de uma dimensão dialética, desde que os programas desenvolvidos para a área de educação possibilitem a intermediação dos conteúdos curriculares nos contextos sociais em que estão inseridos os alunos, bem como a interação como base do processo epistemológico.

No cenário brasileiro, é inegável, numa visão contemporânea, que o pensamento construtivista já é fortemente difundido no âmbito dos projetos pedagógicos do sistema educacional, mesmo que alguns estudiosos, como Miguel Arroyo<sup>4</sup> e mais tarde Sandra Mara Corazza<sup>5</sup>, defendam que o tema é abordado como um modismo. Neste sentido lembramos a ponderação de Tomas Tadeu da Silva quando afirma que:

Parte da predominância atual do construtivismo deve-se, precisamente, à sua dupla promessa. De um lado, ele aparece como uma teoria educacional progressista, satisfazendo, portanto, aqueles critérios políticos exigidos por pessoas que, em geral, se classificam como de esquerda. De outro, o construtivismo fornece uma direção relativamente clara para a prática pedagógica, além de ter como base uma teoria de aprendizagem e do desenvolvimento humano com forte prestígio científico. (SILVA, 1993, P.114).

Diante da convergência dos pensadores do ideário construtivista quanto ao aspecto social, percebe-se a preocupação em estabelecer uma direção efetiva do processo ensino-aprendizagem para o âmbito social dos sujeitos, quer seja na escola ou fora dela, já que se faz necessária toda uma contextualização dos conteúdos curriculares, muitas vezes transcendendo o ambiente da sala de aula. Nota-se ainda uma certa carência, por parte das universidades, em analisarem possibilidades de o currículo ser re-significado e interpretado no sentido de acompanhar as contínuas transformações do contexto social no qual estão inseridos os seus alunos-sujeito. Por outro lado, ressalta-se a importância em articular um pensamento crítico sobre a contribuição pedagógica desta nova estrutura curricular, aqui concebida numa ótica sócio-construtivista, que se apresenta como um percurso viável para a obtenção das soluções para as problemáticas sociais dos alunos, já que esse artigo baseia-se na hipótese de que são insuficientes essas abordagens numa perspectiva sócio-construtivista da educação.

O processo de construção do conhecimento social, verificado inclusive a partir de novos ambientes em plataformas informatizadas, promovendo um novo conceito de interação dos

<sup>3</sup> DUARTE, N. **Educação escolar; teoria do cotidiano e a Escola de Vygotsky**. Campinas: Autores Associados, 1996; GADOTTI, M. **Concepção dialética da educação: um estudo introdutório**. São Paulo: Cortez, 2001; NEWMAN, F. HOLZMAN, L. **Lev Vygotsky: cientista revolucionário**. São Paulo: Loyola, 2002.

<sup>4</sup> ARROYO, M. **Construtivismo: teoria séria, moda preocupante**. AMAE Educando, n.238, pp. 13-15, set.1993.

<sup>5</sup> CORAZZA, S. M. **Construtivismo: evolução ou modismo?** Educação e Realidade, Porto Alegre, vol.21, n.2, pp. 215-232, jul. /dez.1996.

sujeitos envolvidos, deverá, neste contexto, redimensionar o currículo. Solé e Coll aproximam-se desta abordagem quando afirmam que:

Os conteúdos escolares constituem um reflexo e uma seleção (cujos critérios sempre são discutíveis e revisáveis) daqueles aspectos da cultura cuja aprendizagem considera-se que contribuirá para o desenvolvimento dos alunos em sua dupla dimensão de socialização – na medida em que os aproximam da cultura do seu meio social – e da individualização, na medida em que o aluno construirá com esses aspectos uma interpretação pessoal, única, na qual sua contribuição é decisiva. (SOLÉ e COLL, 1998, p.21).

A re-significação do currículo das universidades se faz à medida que os conteúdos abordados nos mais variados cursos estejam articulados na prática social dos sujeitos. A dimensão epistemológica e pedagógica abordada através da visão sócio-construtivista marca um novo eixo para a interpretação da estrutura curricular, no sentido de permitir aos alunos-sujeitos a opção de acesso legítimo à educação, diminuindo as desigualdades sociais a que estão submetidos, desde que estejamos definitivamente engajados em movimentos de transformação da sociedade, valorizando os aspectos sócio-culturais dos indivíduos que fazem parte do processo de ensino do nosso País.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito das relações pedagógicas, a universidade tem um papel fundamental no sentido de inserir o currículo de seus cursos numa práxis social, ou seja, percebe-se que as disciplinas que compõem a estrutura curricular deverão acompanhar os movimentos sociais dentro das comunidades as quais os alunos fazem parte. O processo de ensino-aprendizagem ganha uma nova dinâmica no sentido da validação da teoria na prática vivenciada pelos sujeitos, à medida que estes alunos tenham a oportunidade de contextualizar as bases teóricas das disciplinas em suas comunidades na busca das soluções de suas problemáticas sociais. Neste contexto, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) podem promover, no âmbito das universidades, desde que os programas a serem utilizados mantenham as bases epistemológicas de construção do conhecimento de acordo com os projetos pedagógicos de cada unidade, uma coletivização do conhecimento construindo, nas relações sociais, o aprendizado a partir da diversidade sócio-cultural e territorial por parte dos sujeitos.

Sem pretensões de esgotar o assunto ou estabelecer uma lógica determinista acerca da abordagem da estrutura curricular no âmbito educacional, o artigo buscou proporcionar o aparecimento de novos olhares e interpretações para o currículo diante das novas tecnologias intelectuais, a partir de uma abordagem sócio-construtivista da educação. Entretanto nota-se ainda uma certa carência por estudos mais aprofundados com relação a este recorte da educação, o que, certamente, enseja um tema de pesquisa de suma relevância para os educadores que buscam, nos seus mais variados ambientes sociais, alternativas viáveis para a promoção de projetos pedagógicos baseados na construção social do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, M. **Construtivismo**: teoria séria, moda preocupante. AMAE Educando, n.238, pp. 13-15, set.1993.

BRANDÃO, C. R. A turma de trás. In: MORAIS, Regis. **Sala de aula: que espaço é este?** Campinas: Papirus, 1986.

CORAZZA, S. M. **Construtivismo: evolução ou modismo?** Educação e Realidade, Porto Alegre, vol.21, n.2, pp. 215-232, jul./dez.1996.

DUARTE, N. **Educação escolar; teoria do cotidiano e a Escola de Vygotsky.** Campinas: Autores Associados, 1996.

\_\_\_\_\_. **Sobre o construtivismo: contribuições a uma análise crítica.** Campinas: Autores Associados, 2000.

FORQUIN, J.C. **Escola e cultura.** Porto Alegre: Artes Médicas. 1993.

GADOTTI, M. **Concepção dialética da educação: um estudo introdutório.** São Paulo: Cortez, 2001.

GOODSON, I. F. **Currículo: teoria e história.** Petrópolis: Vozes, 2002.

LEVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** São Paulo: Loyola, 1998.

NEWMAN, F. HOLZMAN, L. **Lev Vygotsky: cientista revolucionário.** São Paulo: Loyola, 2002.

SILVA, T. T. da. **Desconstruindo o construtivismo pedagógico.** Educação e Realidade, Porto Alegre, Educação & Realidade Edições, vol.18, n.2, pp. 3-10, jul/dez. 1993.

\_\_\_\_\_. **Em resposta a um pedagogo epistemologicamente correto.** Educação e Realidade, Porto Alegre, n, 19, pp. 9-17. 1994.

SOLÉ, I. e COLL, C. Os professores e a concepção construtivista. In: COLL, C. (org.) **O construtivismo na sala de aula.** São Paulo: Ática, 1998.